

ORQUIDÁRIO

Volume 8, nº 2
abril a junho de 1994

OrquidaRIO - Orquidófilos Associados do Rio de Janeiro, S.C.

DIRETORIA - Bacia 1994/96:

Presidente: Hans O. J. Frank.

Vice-Presidente: Leda Marques Teixeira.

Diretor da Área Técnica: Carlos A. A. de Gouveia.

Diretor da Área de Relações Comunitárias: Yvan Lassance de Oliveira.

Diretor da Área Administrativo-Financeira: Nilson M. Moneró.

Presidentes Anteriores:

1. Edward G. Kilpatrick, 1986/1987.

2. Álvaro Pessoa, 1987/1990.

3. Raimundo A. E. Mesquita, 1990/1994.

Conselho Deliberativo, 1994/96:

Presidente: Paulo Dâmaso Peres

Membros: Maria Lúcia de Alvarenga Peixoto, José Luiz C. Rodrigues, Gustavo C. Coimbra e Hélio Maurício Bittencourt.

Revista Orquidário

Comissão Editorial: Álvaro Pessoa, Carlos A. A. de Gouveia, Carlos Eduardo de Brito Pereira, Roberto Agnes e Waldemar Scheliga.

Editor: Raimundo A. E. Mesquita

A Revista circula trimestralmente, com publicação nos meses de março, junho, setembro e dezembro e é distribuída gratuitamente, aos Associados da OrquidaRIO.

Deseja-se permuta com publicações afins.

Artigos e contribuições devem ser dirigidos à Comissão Editorial e devem vir datilografados, em uma só face do papel, em espaço duplo, em papel A-4, ou compostos em computador, usando um dos seguintes processadores de texto: Page Maker, Ami Pro, Word, Carta Certa, ou outro compatível com Windows, ou, ainda, Windows Write e DOS-Editor. Podem os autores remeter o disquete em que composto o texto, mas sempre acompanhado de uma cópia impressa. Aceitos serão publicados em um dos números de Orquidário. Os rejeitados serão devolvidos ao autor, desde que tenha fornecido o endereço e remetido os selos para remessa postal.

Fotografias devem conter indicação do motivo da foto e a identificação do fotógrafo. Quando em preto e branco ou cromos, devem vir acompanhadas de negativos. Para fotos a cores Orquidário dá preferência a "slides", podendo os autores remeter o fotolito já preparado para publicação. Para remessa dos fotolitos combinar, antes, com R. Mesquita - Tel (+55)(021)233-2314, para ajuste de especificações e tamanho.

Propaganda e matéria paga, com indicação do mês de publicação, deverão ser remetidas com 2 meses de antecedência, reservando-se a Revista o direito de rejeitar, sem explicação dos motivos.

O título da revista é de propriedade da OrquidaRIO, tendo sido feito o depósito legal na Biblioteca Nacional, estando, também, registrado no INPI.

Qualquer matéria ou fotografia publicadas, desde que não esteja sujeita a reserva de direito autoral (©) pode ser reproduzida para fins não comerciais, desde que se cite a origem e identifique os autores.

Preços

Filiação e Contribuição anual			
Preços em URV	1 ano	2 anos	3 anos
Contribuição de Sócios	19,5	37	55
Sócios novos - filiação	21	38,5	56
Overseas subscriptions rates:	1 year	2 years	3 years
By AIR MAIL, add US\$8.00 per year. US\$25.00 US\$48.00 US\$68.00			

Toda correspondência deve ser dirigida à OrquidaRIO, aos cuidados da Secretaria Geral, rua Visconde de Inhaúma 134/933, 20.091-000, Centro, Rio de Janeiro, RJ. Por telefone (+55212332314), com Helena Eyer, ou Fax (+55212535447).

Composto e diagramado na Guilda do Raio F. Fotolitos: Densicolor, Rio. Impresso na Companhia Brasileira de Artes Gráficas, Rio. Tudo em maio/junho de 1994, ano da OrchiRIO 94.

Abril/Junho de 1994

Índice

Editorial

Troca de Guarda	26
-----------------	----

Textos

MESQUITA, Raimundo - Um habitat de altitude.	27
BRITTO PEREIRA, Carlos Eduardo de - Notas sobre o gênero <i>Oncidium</i> - XI - Dificuldades na Seção <i>Crispa</i> .	30
MIRANDA, Francisco - Algumas novidades em <i>Laelia</i> .	33
MENEZES, Lou - Dois estudos sobre <i>Cattleya</i> .	38
EYER, Helena - A escalada de um Artista.	41
KERRAUY, Gilberto - Fixação de carbono em raízes aéreas de orquídeas.	43
LIMA, Luiz Hamilton - <i>Phalaenopsis</i> - Parte II.	45

Homenagem

SCHLIG, Waldemar - O bicentenário de von Martins.	49
---	----

Seções

Sementeira dos Sócios.	47
------------------------	----

Várias

Floração de abril/junho.	40
--------------------------	----

Publicidade

Créditos das fotos - Capas e pags. 27 a 29, Raimundo Mesquita; pags. 30, 31, 32, Paulo Barbosa; pags. 33, 35, 37, Francisco Miranda; pags. 41 e 42, não identificado; pags. 38 e 40, Lou Menezes; pag. 46, Carlos Fighetti; pag. 46, Roberto Agnes.

Nossas Capas - Este número de Orquidário tem para nós uma especial significação, esta é a 30ª edição da nossa revista, demonstração de que, com esforço e continuidade pode dar-se vida a um sonho?...Foi por isso que escolhemos para a nossa capa a lindíssima *Beallara Tropic Splendor*, que tem, entre seus antepassados, belas espécies brasileiras, *Miltonia spectabilis* e *Miltonia clowesii*. Assim como as flores brasileiras no mundo florístico, Orquidário vem se internacionalizando e sendo descoberta pela orquidofilia mundial. A última capa mostra o *Oncidium warmingii*, da Bahia, referido no artigo Habitat de Altitude para Orquídeas.

Troca de Guarda

Assim como quem troca de substrato, de quando em quando, a cada dois anos, a OrquidaRIO muda de Diretoria. Este ano estamos trocando de quadros diretivos mais cedo, porque este é um ano especial, o ano em que se realizará a OrchiRIO 94, International Orchid Show and Orchid Forum, que inicia o ciclo preparatório para a concretização de um velho sonho de todos os orquidófilos brasileiros: produzir, aqui, uma Conferência Mundial de Orquídeas.

Não será difícil aos nossos sócios imaginar o imenso trabalho e a quase integralidade de tempo que impõem eventos como os que vamos produzir. Para as joias da natureza, as orquídeas, nada é muito, tudo tem que ser preciso e cuidado, um trabalho, artesanal, de ourivesaria quase.

A OrchiRIO 94 é assim uma espécie de ensaio geral, onde faremos o nosso aprendizado, para alcançarmos as condições ideais e necessárias para realizarmos a que tem de ser uma das mais importantes e produtivas conferências dentre as muitas já realizadas, a 15ª Conferência Mundial de Orquídeas, para que, no futuro, seja lembrada, como a Conferência do Brasil e da América Latina.

Assim, atendendo a uma proposição da Presidência, a Assembleia Geral da OrquidaRIO resolveu antecipar para o começo de junho, as eleições gerais para renovação da Diretoria e do Conselho Deliberativo. Isto tem o significado, maduro, de ordenar os fatos de gestão, para que os contingentes, os eventos, não prejudiquem o permanente, que é a vida da sociedade, como cenário de estudo e lazer, pesquisa e disseminação de conhecimentos: a busca permanente da beleza, bem inesimável, que se cumpre através da preservação e do cultivo do ser vivo que é a planta.

Cremos, por tudo, que nada melhor do que a imagem, Troca de Guarda, que se contém no título, para resumir o que ocorre, já que outra missão os dirigentes que se empossam, não recebem dos sócios que os elegeram, que não seja a de guardiões do destino da OrquidaRIO, do seu futuro, da sua grandeza e de sua, já hoje, inquestionável importância no cenário orquidófilo brasileiro.

Hans Frank e Raimundo Mesquita



Viajando pelo Brasil - I

UM HABITAT DE ALTITUDE PARA ORQUÍDEAS

Raimundo Mesquita (*)



Zygopetalum pahstii

TEM SIDO UM ESPECIAL BÔNUS PARA mim as viagens que venho fazendo, pelo Brasil, para divulgar e coordenar a realização dos dois grandes eventos que a orquidofilia brasileira está preparando para mostrar ao Mundo neste final de século: a OrchiRio 94 e a 15ª Conferência Mundial de Orquídeas. O que, normalmente, seria motivo de cansaço e não poucas tensões, tem-me, ao contrário, propiciado muitos momentos, de enriquecimento pessoal e de aquisição de conhecimento do complexo mundo orquidófilo brasileiro.

Pareceu-me interessante ir contando alguns momentos dessas viagens, traçando um pequeno painel do que tenho visto, como uma contribuição ao conhecimento da orquidicultura brasileira atual, que se moderniza, incorpora dados de ciência, tem plena consciência do seu papel de guardião desse vegetal tão ameaçado e busca dar-lhe as melhores condições para sua per-

vivência.

E, assim, começo pelo Espírito Santo, estado tão rico de orquídeas e, ao mesmo tempo, tão devastado, mas onde os cultivadores adquiriram uma visão ecológica tão aguda, que chegam a sacrificar uma das características mais eminentes de qualquer horticultor, que concebe a planta como ser singular, objeto de vaso ou de suporte, que possa ser transportado para exposições ou para decoração de ambientes.

Não são poucos os exemplos que se encontra naquele Estado, de pessoas que tratam a orquídea como o ser silvestre que é e procuram dar-lhe condições de habitabilidade o mais próximas possível daquelas de que necessita a orquídea para bem vegetar.

É de todos conhecido o sítio Florabela de Érico de Freitas Machado, com suas matas, seu bosque de dracenas. Menos conhecido, o que vem desenvolvendo

Wladislaw Zalaswski pareceu-me, pela sua importância e qualidade, ser indicado para começar esta série.

Todos nós aprendemos, com tempo e experiência, que o melhor lugar para cultivar orquídeas é aquele a que ela se adaptou ao longo do seu processo evolutivo. Aprendemos, também, que ela necessita de certas condições que simulem, o mais próximo possível, uma ambiência que satisfaça suas necessidades de clima, aeração, umidade e luminosidade, tudo que dificilmente podemos oferecer-lhes nas nossas estufas, que, como já se disse, assemelham-se, cada vez mais, com as dos orquidários comerciais, com sua aparência de entrepostos (o que, na verdade, são, mas justificadamente, já que essa é sua função).

Tais dificuldades acentuam-se, quando pretendemos cultivar, em escala crescente, plantas com origem, hábitos e necessidades distintas e, isto, é e tem sido causa de não poucos insucessos.

Cultivar em árvores vivas, ou mesmo tentar reproduzir ao ar livre as condições ambientais originais apresenta o mesmo grau de dificuldade e a mesma perspectiva de insucesso se não formos capazes de saber que plantas podemos cultivar no local de que dispomos. É aí que entra o que eu dizia acima, o estudo constante da orquídea e a observação de campo, coisas que, pude observar, Wladislaw Zalaswski pratica: lendo, estudando e, já que é um verdadeiro "peregrino", indo aos habitats naturais para conferir.

O seu sítio localiza-se no município de Domingos Martins, no Estado do Espírito Santo, um dos locais mais privilegiados para o cultivo de orquídeas, porque, ali, no que pesem devastação e alterações dos ecossistemas, ainda hoje encontram-se novidades, como tivemos exemplos em números passados desta revista.

Situado a, aproximadamente, 1200 metros de altitude, nas proximidades da Pedra Azul, beneficia-se de condições ambientais muito favoráveis ao cultivo ao ar livre. Além disso dispunha Wladislaw

Zalaswski de uma enorme pedra, quase plana, posta à sua disposição pela natureza, com declive bem pouco acentuado, que, sem medir ou calcular, eu diria que tem apenas uns 20% de inclinação, o que permite não só o acesso fácil, mas, sobretudo, que as águas das chuvas escorram sem grande violência.

Foi nesse local tão favorável que ele resolveu fazer o seu jardim de orquídeas, com o requinte e o esmero que cabiam, transplantando não apenas orquídeas, mas, também, exemplares da flora de altura, que se costuma ver convivendo com as orquídeas, nas altitudes do seu Espírito Santo, nos cerros de Minas Gerais, nos picos e planaltos da Bahia, regiões que muito tem percorrido, com um grupo seleto de orquidófilos - Euclídio Colnago, Roberto Kaustky e muitos outros -, para ver, estudar e observar.

O resultado de tudo isto está visível nas ilustrações. Você vê muitas viçosas de *Encyclia odoratissima*, convivendo próximas de enorme quantidade de *Laelias* rupestres. De repente, no meio de uma macega rasteira, desponta a estranha forma de um *Phragmipedium*, ou um belo *Zygopetalum pabstii*. Em troncos de *Vellozia* lá estão, como gostam, *Sophranitis* variados, *Laelia sincorana* e mais...

Quando lá estive, estava em flor uma pequena "floresta" de *Cattleya elongata*, pujantes e vigorosas, evidência viva de como lhes foi benéfico o novo habitat, onde



Laelia praestans

elas estão livres das queimadas que costumam devastar as populações da Chapada Diamantina, na Bahia. E, por falar em Bahia, quero dizer, num parêntesis, que vi ali, descobertos no Pico das Almas, ponto mais alto daquele estado, exemplares de *Oncidium warmingii*, que são, seguramente, fortes rivais dos mais belos que se encontram em Minas Gerais e no Espírito Santo, sobretudo pelas franjas do labelo e pela cor dos seus segmentos.

Vi, também, em troncos de limoeiro algumas *Laelia praestans* e *L. pumila* que enriqueceriam nossas coleções, mas que

jamais serão vistas numa exposição, porque estão, ali, vegetando em árvores e arbustos, cumprindo uma outra função. Adornam, é certo, mas são mais do que plantas de coleção, são seres vivos, cumprindo o seu destino de partícipes da estranha e misteriosa cadeia da vida.



(¹) Rua D. Mariana 73/902,
22.280-020 - Rio de Janeiro, RJ.



Cattleya elongata

R. Mesquita

Alguns problemas taxonômicos na Seção Crispa

Carlos Eduardo de Britto Pereira (*)

EM PRIMEIRO LUGAR, PARA PODERMOS reconhecer os problemas de nomenclatura existentes na Seção, é preciso termos em mente todas as espécies que fazem parte dela, assim como a sinonímia existente e as variedades hortícolas descritas. Como dado adicional, entre parênteses, está o ano em que espécie foi descrita.

A seleção apresentada abaixo é referente ao enfoque do autor:

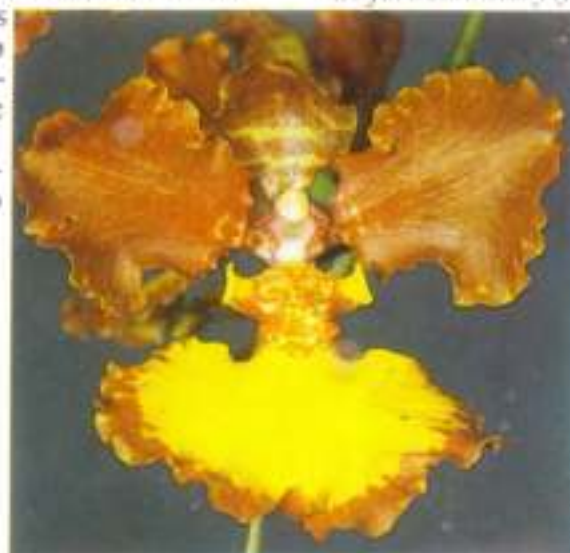
- 1- *O. x colnagoi* Pabst (1976)
- 2- *O. crispum* Lodd. (1832)
- 3- *O. curtum* Lindl. (1847)
- 4- *O. x enderianum* Hort. (1892)
- 5- *O. forbesii* Hook. (1839)
- 6- *O. gardneri* Lindl. (1843)
- 7- *O. gravesianum* Rolfe (1892)
- 8- *O. imperatoris-maximiliani* Rchb.f. (1866)
- 9- *O. x litum* Rchb. f. (1883)
- 10- *O. mantinii* Godefr. (1888)
- 11- *O. marshallianum* Rchb.f. (1866)
- 12- *O. pardoglossum* Rchb.f. (1886)
- 13- *O. pectorale* Lindl. (1840)
- 14- *O. x polletianum* Rchb. f. (1886)
- 15- *O. x praestans* Rchb. f. (1880)
- 16- *O. praetextum* Rchb. f. (1873)
- 17- *O. x punctatum* Hort. (1902)
- 18- *O. rivierianum* St. Leger (1904)
- 19- *O. sarcodes* Lindl. (1849)
- 20- *O. x scullyi* Pabst & Mello (1977)
- 21- *O. x stanleyi* Rolfe (1906)
- 22- *O. x wheateyanum* Gower (1893)
- 23- *O. zappii* Pabst (1976).

Para sinonímia, tem-se;

- 5 - *O. forbesii* Hook. - *O. crispum* var. *forbesii* Burbidge (1882) - *O. crispum* var.

marginatum Hort. (1886).

- 6 - *O. gardneri* Lindl. - *O. flabelliferum* Pinel ex Paxt. (1849) - *O. elegantissimum* Reich. f. (1877) - *O. praetextum* Ed. Morren (1877) - *O. gardnerianum* Hort. (1880) - *O. forbesio-dasytyle* Rolfe (1893).



Oncidium curtum

- 10- *O. mantinii* Godefr. - *O. duveenii* Fowl.

- 13 - *O. pectorale* Lindl. - *O. caloglossum* Rchb. f. (1885) - *O. mantinii* Godefr. (1888) - *O. larkinianum* Gower. (1890) - *O. marshalliano-forbesii* Rolfe (1893)

- 19 - *O. sarcodes* Lindl. - *O. righyanum* Paxt. (1849).

Para variedades descritas têm-se:

- 2 - *O. crispum* Lodd. *atropurpureum* Rchb. f. (1857), *aureum* Hort. (1898), *flabellulatum* Linden (1892), *grandiflorum* Hort. (1870), *limbatum* Cogn. (1898), *lionetianum* Cogn. (1899), *ochraceum* Rchb. f. (1888), *olivaceum* Rchb.f. (1877), *rodriguezii* Cogn. (1906) e *sublaeve* Rchb. f. (1872).

- 5 - *O. forbesii* Hook. - *atratum* L. Lind. (1902), *borwickianum* Rchb. f. (1879), *bradshawii* Hort. (1902), *castanea* L. Lind. (1899), *maximum* L. Lind. & Rodig. (1888), *measuresianum* Krzl. (1891), *moortbeekiense* L. Lindl. (1899), *nigricans* L. Lindl. (1899) e *splendens* Hort. (1888).

- 6 - *O. gardneri* Lindl. - *flavescens* Rolfe (1895), *elegantissimum* Cogn. (1906), *polletianum* Cogn. (1906) e *praestans* Cogn. (1906).

- 11 - *O. marshallianum* Rchb. f. - *aurantiacum* Cogn. (1901) e *sulphureum* Hort. (1901).

13 - *O. pectorale* Lindl. - *caloglossum* Cogn. (1906), - *larkinianum* Cogn. (1906) e *mantini* Cogn. (1906).

16 - *O. praetextum* Rchb. f. - *bellum* Rchb. f. (1884) e *leanum* Rchb. f. (1884).

Note-se que, nesta relação de variedades, Cogniaux transformou alguns sinônimos em variedades ao fazer o volume das Orquídeas da "Flora Brasileira".

Quem está habituado a lidar com o gênero, facilmente vê, a partir dessa relação, que a maioria das espécies é bastante conhecida e que os problemas de identificação são poucos, embora em um dos casos de difícil resolução.

Como o espaço disponível não comporta uma análise detalhada da Seção, só se fará comentários sobre as espécies e variedades cuja identificação exigem um certo cuidado.

Assim sendo, vai começar-se pelo que é chamado pelos orquidófilos brasileiros *O. crispum* var. *grandiflorum* e *O. crispum*.

A variedade *grandiflorum* do *O. crispum* apareceu na horticultura em 1870, sendo esta designação relativa às plantas que produzem inflorescências mais robustas e com flores de tamanho maior do que as do "tipo", mantendo, porém, as mesmas características florais da espécie. Esta é a única diferença entre a variedade e o tipo.

Tenho observado, entretanto, um grande número de orquidófilos usando o nome *O. crispum* var. *grandiflorum* para o que na realidade é, simplesmente, *O. crispum* e o nome *crispum* para plantas que não pertencem à espécie, normalmente plantas de *O. praetextum*. Gostaria de lembrar que o limite entre a espécie e a variedade é um tanto subjetivo e portanto difícil de estabelecer.

Outro problema de nomenclatura relativo ao *O. crispum* é o *O. crispum* var. *lionetianum* que é, erroneamente, chamado de *O. lionetianum*, ou seja, como se fosse uma espécie separada.

Se observarmos cuidadosamente e fizermos uma comparação entre as flores das duas espécies verificaremos, sem levar em consideração as diferenças de colorido e de tamanho, que as flores são exatamente iguais, portanto da mesma espécie.

Saindo do *O. crispum*, chegamos às duas variedades hortícolas do *O. gardneri*: *O. gardneri* var. *praestans* e *O. gardneri* var. *polletianum*. Já me referi a este caso no n° 2, do Vol VI, deste boletim. Ambas foram descritas pelo professor Rchb. f. como espécies distintas e não como variedades de uma outra espécie, com o que

concordo plenamente. Não vou repetir, aqui, o que já foi dito anteriormente. Só peço, a quem se interessar, que consulte o volume VI, onde aparecem fotos do *O. praestans* e do *O. gardneri*, evidenciando, claramente, a diferença entre os dois.

A meu ver, o grande problema taxonômico, dentro da seção Crispa, é o tri-



Oncidium mantini

nômio *O. enderianum*, *O. gravesianum* e *O. praetextum*.

O *O. enderianum* é uma espécie horticultural, não existindo qualquer material de herbário relativo a ela. Quando foi citada, na literatura, em 1892, no "The Gardner's Chronicle", conjecturou-se que, provavelmente, seria um híbrido natural entre *O. crispum* e *O. curtum*. No herbário de Kew Gardens existe um desenho ampliado de uma flor, o qual admite-se ser relativo à planta. Entretanto o que é corriqueiramente conhecido como *O. enderianum* está em total desacordo com o desenho.

O *O. praetextum* foi descrito em 1873 no "The Gardner's Chronicle" a partir de plantas coletadas no Estado de São Paulo. Em 1882 foi publicado no "Botanical Magazine", um artigo onde uma outra espécie foi, erroneamente, identificada como *O. praetextum*. O pior é que suas flores não se assemelham a alguma das espécies que estamos analisando.

O *O. gravesianum* foi descrito por Rolfe, em 1892 também, no "The Gardner's Chronicle" a partir de plantas coletadas no Estado de Pernambuco. Ainda antes do fim do século passado, em outro periódico, "La Semaine Horticole", o comentário sobre a espécie a classifica como sendo extremamente próxima ao *O. praetextum*, ou, mesmo, idêntica a ele. De fato, o próprio



Oncidium tatei

Paulo Paulina

professor Rolfe o considera muito próximo ao *O. praetextum*, embora algumas particularidades o tenham levado a descrever a nova espécie. Na "Révue d'Horticulture Belge" ele fez o seguinte comentário: "A característica principal que salta aos olhos, é a estreiteza das pétalas. Um exame mais atento revela diferenças nas cristas do labelo e nas colunas; mas é a primeira destas particularidades que lhe dá um aspecto tão característico". A este comentário eu acrescento o aspecto arqueado das pétalas que não ocorre em alguma outra espécie da Seção.

Minha conclusão, baseada nestes comentários e em observações em inúmeras flores de diversas procedências é que o que é chamado *O. enderianum* na realidade é *O. praetextum*, que é uma espécie com uma dispersão geográfica bastante ampla, sendo o nome *O. enderianum* relacionado a uma espécie muito rara, que ainda não tive o prazer de encontrar, e o nome *O. grave-sianum* relativo à espécie que vegeta no nordeste do Brasil.

Um outro problema de identificação que, a meu ver, existe é o fato de o *O. mantinii* ter sido considerado um sinônimo do *O. pectorale* e, mais tarde, uma

variedade do mesmo. O próprio professor Rolfe que era defensor da sinonímia admitiu no "Orchid Review" que "a sugestão da sinonímia pode ser incorreta e a espécie pode ter uma origem diferente".

A observação do material de herbário da espécie, depositado no herbário de Kew Gardens, e a comparação com flores vivas do *O. duveenii* me fez admitir a identidade entre as duas espécies.

Assim sendo gostaria de dizer que considero o *O. mantinii* como espécie válida da qual *O. duveenii* é um sinônimo.

Antes de terminar gostaria de fazer comentários sobre meus comentários. O entendimento da taxonomia de um gênero é conseguido pelo estudo comparativo entre a bibliografia e os materiais de referência e vivos de uma espécie. O material vivo tem que ser examinado exhaustivamente para que se possa compreender as variações existentes e os limites de uma espécie.

Em suma, nenhuma opinião é infalível, embora, de modo geral, seja resultante de um estudo sério e a pessoa que a está emitindo tenha sempre, como meta, acertar. Muitas vezes a própria evolução dos conhecimentos implica em uma mudança de opinião como pôde ser visto no próprio comentário do professor Rolfe sobre o *O. mantinii*. Uma mudança de opinião nem sempre significa uma insegurança, mas sim uma evolução de entendimento e focalização diferente do problema. O professor Rolfe é considerado, até hoje, como tendo sido um excelente botânico quer pela sua seriedade como pelo seu saber.



(*) Rua São Clemente 398/907
22260 -Rio de Janeiro, RJ

Algumas novidades em *Laelia*

Francisco E. Miranda (*)

CONTINUANDO A SEGUIR NOSSA FILOSOFIA de que os estudos botânicos devem ser acessíveis também aos cultivadores em geral, seguem transcrições parciais de algumas novidades e uma mudança nomenclatural no gênero. As observações são as mesmas das descrições originais, e outros aspectos botânicos, que, aqui, se tornariam cansativos, podem ser encontrados no trabalho original.

Laelia fournieri (Cogn.) Miranda
comb. nov.

MIRANDA, in *Bradea* 6(18):156. 12
jan 1993.

Basiônimo: *Laelia longipes* Reichb.
f. var. *fournieri* Cogn. in A. Cogniaux et A.
Goossens *Diet. Icon. des Orchidées*, t.147,
déc. 1896; *Chron. Orchid.* 1:27. 1897.

Sinonímia: *Laelia ostermayerii*
Hoehe var. *fournieri* (Cogn.) Hoehe, *Arch.
Bot. Est. S. Paulo*, n. ser. 1(1):19. 1938.

Etimologia: Homenagem a M. Fournier,
cultivador que forneceu o material para a
execução da prancha, a cores, da variedade.

Cogniaux cita 2 materiais coletados por St.-Hilaire por ocasião da descrição na Flora Brasiliensis, e tivemos a oportunidade de examiná-los por cortesia do Dr. Jean-Claude Jolinon, de Paris. Entre estes, St.-Hilaire ser. B1 n 2039 ter., foi escolhido como Tipo por melhor caracterizar a espécie e mencionar local preciso de coleta. Optamos por manter o epíteto como justo tributo a Cogniaux, um dos grandes especialistas em orquídeas brasileiras, e assim também homenagear a M.

Fournier, cultivador que forneceu o material por ocasião da publicação da variedade. Este é mais um daqueles casos em que um conceito está tão arraigado que é seguido sem uma mais atenta observação. Desde a estampa publicada por Cogniaux e Goossens na *Iconographie des Orchidées* pode-se perceber



que há algo errado em se considerar a var. *fournieri* como apenas uma variedade de *Laelia longipes* Reichb. f. Àquela época, porém, não se tinha idéia da quantidade de espécies das chamadas "laelias rupícolas", e, assim, está explicado elemento tão discordante. Atualmente, entretanto, isso não é mais possível. *Laelia fournieri* tem em semelhança com *L. longipes* apenas o padrão de quilhas no labelo. As diferenças, entretanto, são substanciais. Para começar, as hastes florais são mais longas (às vezes muito mais) e delicadas em *Laelia fournieri*, e chegam a produzir número muito maior de flores (até 8 em uma haste já foram observadas). As flores também são até metade menores em *Laelia fournieri* com relação às de *L. longipes*. A coloração base em *Laelia*

fournieri e sempre alva e quase sempre com tênues matizes purpúreos mais intensos para as bases e ápices dos segmentos, na superfície externa. Isso também refuta definitivamente o conceito de que *Laelia fournieri* é uma variedade (forma) *alba* de *L. longipes*. No labelo não há, como em *Laelia longipes*, o revestimento de células cônicas, antes a epiderme é composta por células globosas (o assunto será um pouco melhor abordado na revisão das *Laelia* brasileiras, em andamento). A observação de ambas as espécies nos habitats por muitos anos confirma esse conceito. Se é verdade que as 2 espécies ocorrem juntas em alguns locais, em outros, como a serra do Gongo-Sôco, apenas *Laelia fournieri* pode ser encontrada, e em milhares de exemplares. Com tamanha discrepância de dimensões, forma de segmentos e coloração, não há a mínima chance de se continuar a considerar as 2 espécies como uma só. Por suas flores com coloração básica alva, *Laelia fournieri* está bastante isolada dentro da seção. Apesar disso, as tonalidades róseas a purpúreas a colocam junto com as espécies que apresentam essa coloração. O fato de ter labelo amarelo, assim como as dimensões das flores, aproxima um pouco *Laelia fournieri* de *L. reginae* Pabst, que entretanto apresenta inflorescências muito mais curtas e com menos flores. Finalmente, a forma dos segmentos separa claramente essas 2 espécies. A época de floração se concentra em janeiro-maio, iniciando no final da de *Laelia longipes*, porém é mais longa e pouco precisa e assim durante quase todo o ano podem ser encontrados exemplares floridos.

Laelia verhoogenii Miranda sp. nov.

MIRANDA, in Bradea 6(18):157. 12 jan 1993.

Rupícola entre as menores da seção. Raízes fasciculadas, delicadas, com até 2 mm de diâmetro. Pseudobulbos formados por 2-3 entrenós, cilíndricos, elípticos atenuados progressivamente para a base e para o ápice

até quase redondos dependendo da exposição à luz, apresentando seção circular, verde-claros até às vezes pigmentados em purpúreo, com até 3 cm de comprimento e 1 cm de largura na porção média, revestidos por bainhas fortemente apressas que secam e se desfazem ao término de seu desenvolvimento. Folhas linear-lanceoladas, medianamente coriáceas, lisas, fortemente acanoadas, eretas, verde-claras a verde-médias com face exterior totalmente verde a variavelmente pigmentada em purpúreo, com até 4 cm de comprimento e 1 cm de largura. Espatas florais bem desenvolvidas, tenuemente coriáceas e fortemente achatadas, linear-lanceoladas, tenuemente ventricosas, com até 1,8 cm de comprimento e 4 mm de largura. Inflorescências com flores abrindo em curta sucessão, até 6-8 flores, verde-claras às vezes com matizes purpúreos, eretas, com ráquis de até 8 cm de comprimento e 2 mm de diâmetro. Brácteas florais apressas aos pedicelos, triangulares, com até 3 mm de comprimento. Pedicelos cilíndricos, verdes às vezes com matizes purpúreos, um pouco mais escuros na porção do ovário, com até 3 cm de comprimento e 1,5 mm de diâmetro na porção incluindo o ovário. Sépalas amarelo-escuros com matizes avermelhados na base e ápice dos segmentos pela face externa, lanceoladas, ereto-patentes, ligeiramente a bastante reflexas, inicialmente formando triângulo equilátero mas as laterais falcadas, com até 1,4 cm de comprimento na dorsal, 1,2 cm de comprimento nas laterais e 5 mm de largura. Pétalas com a mesma coloração, lanceoladas, ligeiramente a bastante reflexas, com até 1,4 cm de comprimento e 4,5 mm de largura. Labelo subcircular em posição distendida, pronunciadamente trilobado com lobos laterais subelípticos falcados e lobo frontal sub-elíptico a subcircular profundamente inciso e pouco se estendendo à frente dos lobos laterais, em posição natural formando tubo arcado para baixo e para trás que envolve de modo completo a coluna e a ocultando em vista frontal, abrindo-se frontalmente de forma subelíptica com suas margens pouco onduladas, lobos laterais decurrentes e pouco distendidos e lobo frontal

pouco reflexo a quase plano, em seu interior com 4 quilhas baixas, carnosas, verrucosas e paralelas que se originam na base do labelo e que se estendem até a porção média do lobo frontal, as 2 internas se prolongando quase que imperceptivelmente um pouco mais à frente, apresentando células cônico-globosas rígidas um pouco mais altas em ampla área ao redor da junção do lobo frontal e progressivamente mais baixas para os bordos, com até 1 cm de comprimento e 1 cm de largura; a coloração é amarela no mesmo tom do que o das sépalas e pétalas com alguma pigmentação vermelha no interior do tubo. Coluna verde-amarelada, subcilíndrica mais



Francisco Miranda

larga na base e progressivamente estreitando para o ápice, gibosa, falcada, subtriangular em seção, com face inferior achatada fortemente depressa em cavidade delimitada com as alas laterais e 2 prolongamentos laterais do rostelo envolvendo as laterais da antera até a metade, com até 6 mm de comprimento, 2 mm de largura na base e 1,2 mm de largura no ápice; antera com 4 cavidades, amarelada, com 8 políneas amarelas, 4 maiores e 4 um pouco menores; cavidade estigmática subtriangular, separada da antera por rostelo espessado em membrana saliente e flexível, com 1,4 mm de comprimento e 1,2 mm de largura. Fruto não observado.

Etimologia: Homenagem a Maurício Verboonen, do tradicional Orquidário Binot

de Petrópolis, Rio de Janeiro, responsável pela introdução da espécie em cultivo.

Há muitos anos esta pequena espécie está em cultivo, chamada, erroneamente ora de *Laelia esalqueana* Blum. ex Pabst ora de *L. itambana* Pabst. Estas 2 outras espécies são bastante diversas, mas o fato de não serem bem conhecidas, principalmente para os cultivadores, explica bem a confusão. Por muito tempo temos relatado em descrever esta espécie pelo fato de não ser precisado seu habitat, mas com a necessidade de incluí-la na revisão das espécies brasileiras do gênero, ora em fase final, isso tem de ser feito. Milhares de exemplares já foram vistos, de modo que não há sombra de dúvida sobre o fato de ser boa espécie. A possível origem da espécie é a região de Diamantina (comunicação pessoal, Orquidário Binot), mas numerosas excursões por longo período não renderam confirmação neste aspecto. De qualquer modo, certamente um dia será encontrada no habitat, como tem acontecido anteriormente com numerosas outras espécies. *Laelia verboonenii* é a menor das espécies com flores amarelas na seção Parviflorae, tanto vegetativamente quanto em termos florais. As plantas apresentam folhas mais pontiagudas e eretas do que nas espécies próximas (*Laelia bradei* Pabst, *L. esalqueana*, *L. itambana*) e são frequentemente pigmentadas em púrpura. As inflorescências produzem mais flores do que nas citadas, tendo sido observadas hastes, apesar de pouco mais altas do que as folhas, com até 8 flores agrupadas na metade apical. As pequenas flores são amarelo-escuras frequentemente com pigmentação avermelhada nas superfícies exteriores dos segmentos, e nesse aspecto se assemelham a *Laelia itambana*. Ainda em comum com esta está a disposição dos segmentos, bastante reflexos. Entretanto, característica que separa *Laelia verboonenii* de todas as espécies próximas é o labelo, com suas 4 quilhas bem desenvolvidas e nítidas desde a base até a porção média do lobo frontal. Nas espécies próximas citadas acima, as quilhas desenvolvidas são sempre 2 de cada vez, e a uma observação menos cuidadosa aparentam ser

mesmo só 2. O labelo proporcionalmente pequeno com lobo frontal bem distendido é também típico nesta nova espécie. *Laelia verbooneni* é espécie ornamental com sua grande quantidade de flores, e sua época de floração é no verão.

Laelia x mucugense Miranda hyb. nat. nov.

MIRANDA, in Bradea 6(18):159. 12 jan 1993.

Rupícola medianamente robusta na seção. Raízes fasciculadas, com até 2,2 mm de diâmetro. Pseudobulbos formados por 3-5 entrenós, cilíndricos, atenuados progressivamente para o ápice, apresentando seção circular a até tenuemente achatados lateralmente, verde-médios frequentemente com matizes purpúreos mais intensos para o ápice até quase que totalmente assim pigmentados, com até 12 cm de comprimento e 2,2 cm de largura na base, revestidos por bainhas fortemente apressas que secam e se desfazem ao término de seu desenvolvimento. Folhas linear-lanceoladas, fortemente coriáceas, transversalmente rugosas, aplanadas e variavelmente reflexas, verde-médias a verde-escuras mais ou menos fortemente pigmentadas em purpúreo principalmente na face inferior e bordos, com até 15 cm de comprimento e 3,2 cm de largura. Espatas florais bem desenvolvidas, coriáceas e fortemente achatadas, linear-oblancheoladas, tenuemente ventricosas, com até 8 cm de comprimento e 6 mm de largura. Inflorescências com flores abrindo em sucessão, até 6-8 flores, eretas, com ráquis de até 65 cm de comprimento e 4 mm de diâmetro. Brácteas florais apressas aos pedicelos, triangulares, com até 6 mm de comprimento. Pedicelos cilíndricos, verdes mais escuros na porção do ovário, com até 3,5 cm de comprimento e 2,2 mm de diâmetro na porção incluindo o ovário. Sépalas róseo-alvacentas, róseo-amareladas, róseo-alaranjadas, salmão até róseo-purpúreas, linear-

lanceoladas, creto-patentes, planas a bastante reflexas, formando triângulo equilátero com as laterais tenuemente falcadas, com até 2 cm de comprimento e 5 mm de largura na dorsal e 5,5 mm de largura nas laterais. Pétalas com a mesma coloração, linear-lanceoladas mais longamente atenuadas para as bases, ligeiramente falcadas, planas a ligeiramente reflexas, com até 2,2 cm de comprimento e 5 cm de largura. Labelo subelíptico em posição distendida, pronunciadamente trilobado com lobos laterais subelípticos falcados mais curtos do que o frontal e lobo frontal subelíptico a subcircular profundamente inciso, em posição natural formando tubo arcado para baixo e para trás que envolve de modo completo a coluna e a ocultando em vista frontal, abrindo-se frontalmente de forma subelíptica com suas margens onduladas, lobos laterais decurrentes e pouco distendidos e lobo frontal com ápice um tanto reflexo, em seu interior com 4 quilhas baixas, carnosas, verrucosas e paralelas que se originam na base do labelo e se tornam progressivamente mais altas e bem nítidas à partir da metade da distância até a junção do lobo frontal, as 2 externas mais curtas se estendendo pouco à frente da incisão, as 2 internas se estendendo até o meio ou pouco mais do lobo frontal, apresentando células globosas a tenuemente cônicas por toda a superfície interna, um pouco mais altas ao redor da incisão do lobo frontal, com até 1,8 cm de comprimento e 1,2 cm de largura; a coloração no interior do tubo e disco é alva, alvo-amarelada a rosada, nos bordos do lobo frontal rosada a avermelhada e amarelada, alaranjada a rosada nos lobos laterais apresentando estes ainda venulações rosadas a avermelhadas, dependendo do indivíduo. Coluna verde-alvacentas, sub-cilíndrica, gibosa no ápice, tenuemente falcada, subtriangular em seção, com face inferior achatada depressa em cavidade delimitada com as alas laterais e 2 prolongamentos laterais do rostelo envolvendo as laterais da antera até a metade, com até 8 mm de comprimento e 2,8 mm de largura; antera com 4 cavidades, alva, com políneas amarelas, 4 maiores e 4 um pouco menores; cavidade estigmática subtriangular,

separada da antera por rostelo espessado em membrana saliente e flexível, com 1,7 mm de comprimento e 1,8 mm de largura.

Etimologia: Nome homenageando uma das pequenas cidades na área de distribuição das 2 espécies envolvidas e de seu híbrido natural.



Este híbrido natural parece ter sido encontrado em grande quantidade no habitat natural, e está em cultivo há mais de 12 anos. A primeira vez que observamos essas plantas foi em 1982, num grande lote florido de *Laelia pfisteri* Pabst & Senghas e *L. bahiensis* Schltr. Estas plantas estavam em cultivo no Orquidário Binot, de Petrópolis, e foram recebidas do Estado da Bahia, presumivelmente de uma região acima de Mucugê, limite norte da serra do Sincorá. O que chamou a atenção nesse lote foi que a maior parte das plantas não apresentava as flores alaranjadas típicas para *Laelia bahiensis* ou purpúreas, típicas para *L. pfisteri*. Ao invés, a coloração das flores era variável entre esses

extremos, indo de creme-alvacenta até róseo-purpúrea, passando por tons róseo-amarelados, salmão e róseo-alaranjados. Desde então a idéia de que se tratava de uma população híbrida passou a tomar corpo, mas achamos melhor primeiro ter a chance de visitar a região e tentar encontrar plantas, de modo a ter certeza de que não eram apenas resultado de variação populacional. Após este primeiro contato, essas plantas passaram a aparecer em cultivo periodicamente. Felizmente, em 1988, finalmente encontramos uma certa quantidade de plantas apresentando a mesma variabilidade de coloração e desta forma bem caracterizando uma hibridação natural aparentemente muito comum. De fato, como as 2 espécies em questão florescem na mesma época e não estão isoladas fisicamente, é de se esperar que sejam encontrados frequentes casos de hibridação natural. Além da coloração, as dimensões e formas dos segmentos florais são intermediários entre os pais, e, da mesma forma que quanto à coloração, variam entre os extremos.

© Av. Edison Passos, 4490, 20531-072,
Alto da Boa Vista, Rio de Janeiro, RJ.

Dois estudos sobre *Cattleya*

L.C. Menezes^(*)



L.C. Menezes

CATTLEYA X modului L.C. MENEZES HYB. NAT. NOV.

Este híbrido natural foi descoberto quando nossos estudos sobre a *Cattleya warneri* haviam sido completados e os resultados prontos para publicação.

Ele apareceu na coleção do orquidófilo José Módulo, no Espírito Santo (Pedra Azul, Domingos Martins), fruto do acaso numa coleta de plantas de *Cattleya warneri* e *Cattleya schofieldiana* em áreas limítrofes das municipalidades de Guarapari e Alfredo Chaves (Floresta Atlântica, 500m de altitude)

Sob o ponto de vista referente a aparência da planta e morfologia floral, *Cattleya x modului* possui as características típicas a serem esperadas dum cruzamento entre *Cattleya warneri* e *Cattleya schofieldiana*. A forte influência genética da *Cattleya schofieldiana* pode ser prontamente observada tanto no que se refere a morfologia do labelo quanto a típica armação das pétalas, enquanto o colorido róseo das sepálas e pétalas, bem como o perfume das flores atestam a presença genética da *Cattleya warneri*.

Este novo híbrido natural é muito similar àquele entre *C. labiata* e *C. granulosa* = *C. x le Czar* L. Lind. - por mim encontrado há alguns anos na Serra do Urubú (Pernambuco) por ocasião de meus estudos sobre a *C. labiata* Lindl. Todavia, a armação das pétalas voltadas para baixo, uma herança genética da *Cattleya schofieldiana*, o diferencia claramente daquele híbrido natural.

DIAGNOSIS

Planta epiphytica; pseudobulbis fusiformibus, pluriarticulatis, 8-20 cm altis, apice 1-2 foliatis; foliis crasse coriaceis rigidisque, oblongo-obtusis; inflorescentia terminali cum 1-2 floribus roseis, speciosis et odoratis, magnitudine media inter *Cattleya warneri* et *Cattleya schofieldiana*; lobo mediano purpureo maculato et lobulis lateralibus leviter roseis. Capsula perfecta ignota. Planta naturalis inter *Cattleya warneri* T. Moore et *Cattleya schofieldiana* Rehb. f.

Habitat regione Guarapari et Alfredo Chaves in Statu Spiritu Sancti, 500 m. s. m. Floruit in mense Martio anni 1994. legit cl. José Módulo. Holotypus - UB52.

ABSTRACT

CATTLEYA X MODULUI L.C. MENEZES hyb. nat. nov.

This natural hybrid was discovered after our *Cattleya warneri* studies were completed and the results were ready for publication.

It appeared in the collection of the orchidist José Módulo from Espírito Santo State (Pedra Azul, Domingos Martins), having been collected by chance as part of a batch of *Cattleya warneri* and *Cattleya schofieldiana* plants from areas between the municipalities of Guarapari and Alfredo Chaves (Atlantic forest, at an altitude of 500 meters).

From the standpoint of plant appearance and floral morphology, *Cattleya x*

moduloi possesses the typical characteristics to be expected from a cross between *Cattleya warneri* and *Cattleya schofieldiana*. The strong genetic influence of *Cattleya schofieldiana* can readily be seen both in the morphology of the lip and the typical shape of the petals, while the rosy color of the sepals and petals and the perfume-like fragrance of the flowers make the genetic presence of *Cattleya warneri* felt.

This new natural hybrid is very similar to the one between *C. labiata* and *C. granulosa* - *C. x le Czar* L. Lind. - which I myself found years ago on Urubu Hill (Pernambuco State) while studying *C. labiata* Lindl. However, its drooping petals, a genetic heritage from *C. schofieldiana*, clearly differentiate it from that natural hybrid.

Holotype. Collected by José Módulo, Guarapari/Alfredo Chaves, in Espírito Santo State. Type specimen deposited in university of Brasília under UB52.

Agradecimentos/ Acknowledgments:
Arthur Holst (USA)
Roberto Kautsky (Brasil)

CATTLEYA TIGRINA var. *caerulea* L. C. Menezes, var. nov.

Cattleya tigrina A. Richard conhecida dos orquidófilos brasileiros tão somente pelas denominações *Cattleya leopoldii* Verschaffelt ex Lemaire e *Cattleya guttata* var. *leopoldii* Lemaire, é uma espécie de *Cattleya* bifoliada brasileira de porte robusto e flores muito ornamentais do litoral sul e parte do sudeste nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Rio de Janeiro.

Coube ao Dr. Guido Braem através de cuidadosa e paciente pesquisa bibliográfica, cujos resultados foram publicados em seu livro *Brazilian Bifoliate Cattleyas* (1984), estabelecer como válida, de acordo com os requerimentos exigidos pela taxonomia moderna, a denominação *Cattleya tigrina* A. Richard que deverá prevalecer sobre os

nomes conhecidos e anteriormente citados neste texto para a espécie. Ainda segundo, o referido orquidólogo alemão, a publicação de Achille Richard sobre a espécie - *Portefeuille des horticulteurs*, Vol. 2, S. 166, 1848 - apesar de ignorada ou esquecida, por cerca de 130 anos -, é inquestionavelmente o primeiro registro da espécie como pode ser comprovado pela tábua colorida e descrição existentes.

A nova variedade, *caerulea*, é bem caracterizada pelo colorido peculiar de suas flores, nas quais as sépalas e pétalas são esverdeadas e pintalgadas de purpúreo, com destaque para um labelo azulado, notadamente o lobo mediano, o que por consequência originou o nome da variedade.

Algumas poucas plantas representando esta nova variedade, foram coletadas em habitats no Rio Grande do Sul e como plantas raras são cultivadas sob cuidados especiais, e um certo sigilo orquidófilo.

Diagnosis.

Cattleya tigrina var. *caerulea* L.C.

Menezes, var. nov.

Flores hujus varietatis differunt a floribus typicis speciei colore tantum. Flores odorati, viridi olivaceis interdum purpureo maculatis cum labello caeruleo. UB51.

Holotipo - Coletado por Sérgio Englert, Viamão, Rio Grande do Sul, janeiro de 1991. Tipo depositado na Universidade de Brasília, sob UB51.

ABSTRACT

Cattleya tigrina var. *caerulea* L.C.

MENEZES, var. nov.

L.C. Menezes

Cattleya tigrina A. Richard better known to Brazilian orchid growers by the names *Cattleya leopoldii* Verschaffelt ex Lemaire and *Cattleya guttata* var. *leopoldii* Lemaire, is a robust Brazilian bifoliate *Cattleya* species with very beautiful flowers from the southern and part of the southeastern coast in the states of Rio Grande do Sul, Santa Catarina, and Rio de Janeiro.

It was Dr. Guido Braem, who, through painstaking, patient bibliographic research - the results of which were pub-

lished in his book the Brazilian Bifoliate *Cattleyas* (1984) - established that the name *Cattleya tigrina*. A. Richard is valid, in accordance with modern taxonomical requirements and must take priority over the well-known species names mentioned previously. According to the aforementioned German orchidologist, Achille Richard's description of this species - in *Portefeuille des horticulteurs*, Vol. 2, S. 166, 1848 -, in spite of its being unknown or forgotten for almost 130 years, is unquestionably the first published record of the species, as can be confirmed from the existing color plate and description.

The new variety, *caerulea*, is well characterized by the color of its flowers. The sepals and petals are greenish with deep purplish red spots, but the truly distinguishing feature is the bluish lip, specially the mid-lobe which has given rise to its varietal name.

Some few plants representing this new variety were collected in habitats in Rio Grande do Sul, and since they are rare plants they are being grown with special care and somewhat shielded from other orchid growers.

Holotype. Collected by Sergio Englert, Viamão, Rio Grande do Sul, Jan. 1991. Type specimen deposited at the University of

Brasília under UB51.



L.C. Menezes

Agradecimentos / Acknowledgments:

Arthur Holst (USA)
Dr. Guido Braem (Germany)
Sergio Englert (Brasil).

(*) SQS 103, Bl. E Apto. 105
70342-050 - Brasília, DF.

Floração de abril/junho.

É sempre útil ter um registro das plantas que florescem a cada mês do ano. Tal calendário tem várias utilidades:

- permite saber de que plantas podemos esperar floração para as épocas de exposição, de modo a poder-se iniciar a preparação, com tempo suficiente: adubação, localização, iluminação, cuidados com a haste floral, etc.
- permite programar tratos de cultivo, como envasamento, fertilização, planejamento de fecundação, para produção de espécies ou híbridos, etc.

Damos, a seguir, algumas plantas que estão florindo nos meses de abril a junho, período coberto por esta revista:

Abril - *Oncidium Taka*, *Oncidium exanthinum* e *varicosum*; *Oncidium uniflorum*, *Oncidium Kinsei*; *Oncidium proctectum* e *anderianum*; Bc: Pastoral; Lc: Little Mariana; Laelia José Pinho; *Cattleya Portia*; Lc: Molly Tyler.
Maio - *Sophrontella violacea*; *Cattleya percivaliana*; *Maxillaria picta*; *Maxillaria devauxiana*; Bc: (Bc: Désir x C. aurantiaca) x L. flava; *Oncidium lietzeri*; *Cattleya walkeriana*; *Cattleya (walkeriana x loddigesi)*; *Laelia anceps*; Bc: Turandot.

Junho - *Oncidium ornatum*; *Cymbidium*, início de floração de diversas espécies e híbridos; *Dendrobium phalaenopsis* e seus híbridos; *Phalaenopsis*, espécies e híbridos, início de floração. *Neolauchea pulchella*.

A relação acima está longe de ser exaustiva, sendo, apenas, exemplificativa. Além disso, deve considerar-se que a floração varia de época, de lugar para lugar, e, ainda, que híbridos florescem, por vezes, mais de uma vez por ano, seguindo os períodos de floração dos seus ancestrais, sendo, por isto, importante, que cada um de nós faça o seu próprio registro.

A Escalada de um Artista

Helena Eyer (*)

NA ÚLTIMA CAPA DO NÚMERO passado desta revista, foi publicada uma foto de Ronaldo Luis Pangella escalando o Pão de Açúcar. O que, ali, não se mostra é a razão da escalada.

Pangella é ilustrador botânico e artista plástico. O que tem isso a ver com o alpinista retratado?

Vamos contar para você que nos lê, essa história fascinante.

Tudo começou em outubro de 92, num domingo chuvoso, no Calçadão da Av.



Atlântica.

Lá estavam o Pangella, sua mulher Cristina e o pequeno Daniel, o lindo filho que o dois chamam de seu "híbrido", expondo pinturas de flores tropicais, como helicônias, bromélias, etc...

Todo final de semana iam para o Calçadão e não vendiam nada. Num domingo, aproximou-se um nissei, comprou um dos quadros e profetizou que o Pangella obteria melhores resultados com sua arte, se pintasse orquídeas.

Comprometeu-se o nissei a enviar-lhe fotos, para que o trabalho sobre orquídeas

pudesse ser desenvolvido. Assim fez e sua profecia confirmou-se.

Cada orquídea pintada era uma venda. O amor pelas orquídeas, chamadas de "musas" pelo pintor foi crescendo, suas formas caprichosas, onde os matizes entrelaçavam-se com dobras e texturas, aumentavam o deslumbramento do artista e sua criatividade foi-se desenvolvendo.

As vendas prosseguiram de "vento em popa" e a fidelidade aos novos modelos, também.

No início de 93, Pangella ousou um novo espaço cultural, buscando na fonte o turista, cada vez mais raro, em consequência do pânico gerado pelas imagens, mundialmente difundidas, do famoso e triste "arrastão". Mas, ainda assim, conseguia vender e se tornar conhecido.

Foi convidado para fazer uma exposição no Pão de Açúcar. Ali ficou conhecendo uma sócia da OrquidaRIO e sabendo da existência de estudos sobre as orquídeas rupícolas do Pão de Açúcar.

Curiosamente aquela pesquisa não havia sido ilustrada quando se iniciou em 83. Em 81 Pangella havia começado a fazer alpinismo. Analisando os fatos, sempre se indaga como esse esporte lhe abriria as portas para o seu atual trabalho.

Em junho de 93, tomou conhecimento de que as orquídeas do Pão de Açúcar haviam sido recenseadas apenas pelo eixo magnético e nas vias de escaláveis de mais fácil acesso. Começou escalando uma das quarenta vias de acesso ao Pão de Açúcar. Uns vinte metros fora da via que seguia, algo, que parecia uma orquídea, chamou sua atenção. A flor era branca, esguia e com folhas estranhas, diferentes das outras plantas que conhecia. Suou a camisa, a bermuda e tudo mais para conseguir chegar

perto.

Com a chave de consulta do trabalho lido, constatou que se tratava de uma *Brassavola tuberculata*. Fez algumas anotações e retornou ao grampo de segurança, onde sua mulher Cristina o aguardava. "Encontrei uma *Brassavola tuberculata*!", exclamou todo orgulhoso, esperando vibrantes "parabéns". Cristina, com um gesto simples, apontava para outra orquídea a menos de dois metros de distância do ponto onde estavam.

Nova consulta aos apontamentos e descobria uma pequena, e queimada, colônia de *Zygopetalum mackayi*.

O trabalho do Pangella é, hoje, muito importante para o estudo da flora remanescente, pois não coleta as orquídeas e sim as fotografa.

Na exposição OrquídaRIO na Primavera de 93, no Museu de Arte Moderna no Rio de Janeiro, Pangella foi convidado para apresentar suas pinturas de orquídeas. Estava expondo, também, a Fundação Botânica Margareth Mee, que se interessou pela pintura do *Zygopetalum mackayi* e o convidou para participar do IV Concurso de Ilustração Botânica promovido por aquela instituição.

Ficou agradecido e, ao mesmo tempo, surpreso por ter sido escolhido para figurar entre os 24 finalistas. Sentia-se premiado só por ver um dos seus quadros exposto no Museu Nacional de Belas Artes, junto com outros ilustradores de renome e de ser reconhecido pela Fundação Margareth Mee.

Porém, o melhor estava por vir. O resultado final. Recebeu um 2º lugar do júri oficial e o 1º lugar do júri popular, recebendo uma "menção honrosa".

Agora, ele segue "um novo caminho". O seu atual trabalho é localizar as espécies que, por razões óbvias, estão fora das vias de escalada. Pangella faz a aproximação perfurando a rocha e fixando grampos de segurança e inicia o esboço da escalada 1/1 ao encontrar a orquídea. E, nesse esboço, ele desenvolve o estudo da cor, fotografando a planta em diversos ângulos e com filtros corretivos de luz para posterior consulta.

Em sua casa, inicia a ilustração com a técnica de airbrush (pintura com jatos de ar) com aquarela líquida, o que leva em média de 30 a 40 dias para concluir-se.

O seu trabalho de ilustrador botânico é patrocinado pelo de artista plástico.

Pangella já localizou oito das onze espécies relatadas para o Pão de Açúcar. Ainda faltam as *Maxillaria Ruiz & Pavon*, a *Prescottia Lindl.* e *Sarcoglottis Presl*.

Durante as escaladas em procura das plantas descritas, já conseguiu acrescentar ao seu trabalho um *Epidendrum vespa*, encontrado na face oeste, a uns 370 metros de altura.

Ele acredita que ainda encontrará mais duas espécies, por informações obtidas com conhecedores daquelas paragens. Essas espécies devem estar em área ainda não pesquisada, pela dificuldade de acesso.

Este é o trabalho executado pelo artista e pesquisador, que acreditando no que faz e, principalmente, em suas "musas" as orquídeas, prossegue, por assim dizer, no rumo para que foi escolhido, iniciando novas escaladas.

^(*) Rua Gal. Ribeiro da Costa, 230/703.
22010-050 - Leme, Rio, RJ.



Zygopetalum mackayi

Fixação de Carbono em Raízes Aéreas de Orquídeas

Dr. Gilberto B. Kerbaudy^(*)

Introdução

A realização da fotossíntese em folhas de orquídeas tem sido amplamente estudada. Destes estudos ficou suficientemente claro que nas espécies de folhas espessas (suculentas) a fixação de CO_2 atmosférico ocorre por meio do chamado metabolismo ácido das crassuláceas - CAM - sendo uma das características fundamentais desta via fotossintética, a ocorrência da fixação durante a noite quando os estômatos estão abertos. Nas plantas orquídeas de folhas finas, o processo ocorre via ciclo de Calvin-Benson (plantas C_3) da mesma forma do que tem sido verificado na grande maioria das plantas não orquídeas. Para um melhor entendimento de ambos processos, sugere-se ao leitor consultar um resumo publicado por Kerbaudy (1990).

Presença de clorofila nas raízes

Provavelmente todos cultivadores de orquídeas já tenham observado que as raízes de orquídeas são revestidas por um tecido (morto) chamado velame, o qual dá a elas uma aparência branca, exceto uma pequena porção esverdeada junto ao ápice. Algumas vezes a coloração do ápice é mascarada pela presença de um pigmento avermelhado, a antocianina.

Se o velame é eliminado, observa-se que a cor verde se estende ao longo de todo o comprimento da raiz. Esta coloração pode ser igualmente detectada após regas abundantes, situação que torna o velame saturado de água. As raízes não formam clorofila quando crescem no in-

terior do vaso, no meio do substrato onde a luz não as alcança. A luz participa da síntese clorofiliana atuando na conversão da protoclorofila em clorofila, processo este resultante da adição de dois átomos de hidrogênios à forma precursora.

A presença de clorofila nas raízes de orquídeas epífitas, permite que estes órgãos também realizem fotossíntese, colaborando assim da ampliação da superfície coletora de luz por estas plantas. Verificou-se que o conteúdo de clorofila nas raízes aéreas é cerca de três vezes menor do que nas respectivas folhas (Goh, *et al* 1977). Além das raízes, a fixação de CO_2 pode ocorrer também em outros órgãos, podendo-se citar como exemplo os pseudobulbos e mesmo flores verdes ou verde-acobreadas.

Fotossíntese nas raízes

Goh *et al.* (1983), trabalhando com *Arachnis* e *Aranda*, verificou que a exemplo do que fora observado com outras plantas orquídeas, as raízes destas também fixavam CO_2 . Na presença de luz, operava o sistema C_3 , enquanto no escuro a fixação era via CAM. Da mesma forma que nas folhas, estes autores observaram que também as raízes exibiam a variação diurna de acidez, típicas de órgãos que realizam fotossíntese por esta via. Durante a noite, quando ocorre este processo, as células sintetizam e acumulam ácido málico nos vacúolos, tomando em consequência o pH interno dos tecidos mais ácido. Na

presença de luz (via C_3), a taxa de fotossíntese era muito maior do que na ausência (via CAM).

Todavia, quando os autores acima citados mediram simultaneamente as trocas gasosas da fotossíntese e da respiração (liberação de CO_2), verificaram que a concentração de CO_2 fixado no primeiro processo era menor do que no segundo, indicando desta forma, que as raízes não eram completamente autotróficas. Em outras palavras, tal constatação significava que as raízes aéreas de orquídeas, mesmo sendo fotossintetizantes, não conseguem produzir em quantidades suficientes suas reais necessidades de açúcares. Parte destes açúcares deve então ser suprida pelas folhas, chegando até as raízes através dos vasos condutores (floema).

Certamente, em algumas espécies de orquídeas epífitas sem folhas (áfilas), a função fotossintetizante das raízes é absoluta. Plantas como *Campilocentrum*, *Chiloschista*, *Polyrrhiza* dentre outras, são constituídas, basicamente, por um avantajado sistema de raízes espessas, nas quais são desenvolvidas todas as funções metabólicas vitais. A formação da inflorescência ocorre a partir de um pequeno caule, cuja função parece estar ligada exclusivamente a reprodução sexuada.

Conforme foi verificado por Winter *et al.* (1985) em *Campilocentrum tyrridion*, o ganho de carbono ocorria principalmente na ausência de luz (CAM). É interessante destacar sobre este aspecto, que uma das características marcantes da via CAM é sua ocorrência durante a noite, quando as folhas se encontram com os estômatos abertos. Todavia, raízes de orquídeas não possuem estômatos, razão pela qual não era de se esperar então a ocorrência desta via de fixação de CO_2 nestes órgão. Resultados como estes sinalizam in-

tensamente para uma redefinição do conceito de plantas CAM.

Summary

Orchid aerial roots contain chlorophylls and are capable of photosynthesis. These roots also exhibited diurnal acidity fluctuations typical of crassulacean acid metabolism (CAM). The rate of CO_2 fixation in the light has been shown to be much greater than the rate of CAM CO_2 fixation in the night. Measurements of CO_2 exchange, however, showed little or no net uptake indicating that these roots were not completely autotrophic. However, in the roots of leafless orchids the carbon gain is mainly via CO_2 dark fixation (CAM).

Bibliografia

Kerbaui, G.B. (1990). Estratégias fotossintéticas em plantas orquídeas. Boletim CAOB 4: 34-38.

Goh, C.J.; P.N. Avadhani; C.S. Loh; C. Hanegraaf & J. Arditti (1977). Diurnal stomatal and acidity rhythms in orchid leaves. New Phytol. 78: 365-372.

Goh, C.J.; J. Arditti & P.N. Avadhani (1988). Carbon fixation in orchid aerial roots. New Phytol. 95: 367-374.

Winter, K.; E. Medina, V. Garcia, M.L. Mayoral & R. Muniz (1985). Crassulacean acid metabolism in roots of a leafless orchid, *Campilocentrum tyrridion* Garay & Dunsterv. J. Plant Physiol. 118: 73-78.

(*) Departamento de Botânica,
Instituto de Biociências, Universidade
de São Paulo, C.P. 11461
05422 São Paulo

Phalaenopsis

A elegante Orquídea Borboleta

Parte II - Principais grupos, representantes e suas origens.

Luiz Hamilton Lima (*)

A CABO DE RECEBER O MEU EXEMPLAR de março, do corrente ano, do American Orchid Society **Bulletin**, e, ali, está a confirmação da crescente popularidade dos '**phalaenopsis**' no meio orquidófilo americano. Na última pesquisa, destinada a traçar o perfil dos associados daquela respeitada sociedade (realizada, em maio de 1993, pela firma Ernest & Young) 49% dos pesquisados declararam ser o '**phalaenopsis**' sua orquídea preferida, contra 43% de preferência pela tradicional *Cattleya*.

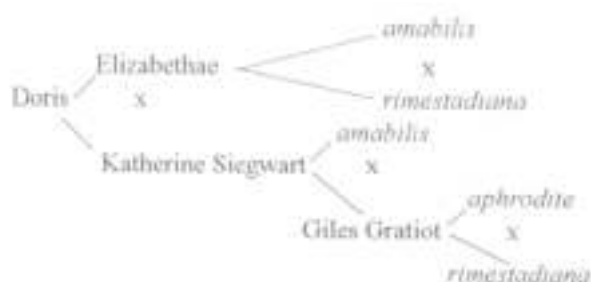
Neste segundo artigo sobre os '**phalaenopsis**' vamos classificá-los em grupos, por tipo, e discutir as principais espécies ancestrais e as mais importantes contribuições que deram para as características marcantes dos elegantes e coloridos híbridos modernos.

Não poderíamos deixar de começar esta sequência sem que fosse pela discussão do protótipo e mais popular dos '**phalaenopsis**', o clássico e magnífico branco, ou alho, como, comumente, chamamos aqui no Brasil.

O grau de perfeição em forma, textura, substância, floração, vigor e cor, obtido nessa classe de '**phalaenopsis**' é inigualável e serve de padrão para a maioria dos outros tipos considerados "standard". O mais interessante no desenvolvimento impar dessa classe de '**phalaenopsis**' é que a sua árvore genealógica é extremamente simples, originária de apenas duas espécies nativas do sudeste asiático e norte da Austrália: *Phalaenopsis amabilis*, de Java, Borneu, Nova Guiné e Queensland (norte da Austrália), através de dois cultivares especiais, o hexaploide, var. 'Elizabethae'

e o var. 'rimestadiana'; e *Phalaenopsis aphrodite* de Java e das Filipinas.

Essas duas espécies, muito semelhantes entre si, deram origem ao mais importante '**phalaenopsis**' híbrido de todos os tempos, responsável principal pelo desenvolvimento dos modernos híbridos brancos, rosas, semi-albos e quase todos os outros grupos sobre os quais discutiremos nesses artigos: *Phalaenopsis* Doris, registrado, em 1940, por Duke Farms.



Autofecundações e cruzamentos entre plantas-irmãs subsequentemente deram origem a toda uma população de matrizes tetraploides de *Phalaenopsis* Doris, que foram utilizadas em todo o mundo para criar saltos crescentes e gigantescos em qualidade de forma dos híbridos de '**phalaenopsis**'. Entre as matrizes albas mais famosas em todo mundo podemos citar, na França, *Phalaenopsis* Henriette Lécoufle 'Boule de Neige' AM/RHS, e, nas Américas, *Doritaenopsis* Zuma White 'Puff'.

Outro grupo que descende diretamente dos '**phalaenopsis**' albos é o dos alegres e populares semi-albos, ou, mais descritivamente, brancos-com-lábios- coloridos, pois, hoje, também, já temos plantas semi-albas com lábios laranja, além do tradicional



Carlos Figueira

Phal. Naoko Moriyama 'Lehua' (Carnival Queen x *violacea*)



Roberto Aguiar

Phal. Maraldee 'Soroa Sikoney' HCC/AOS



Roberto Aguiar

Phal. Misty Green 'Soroa'

lábio encarnado. Complementando o patriarca *Phalaenopsis* Doris em suas genealogias, estão, também, como ancestrais *Phalaenopsis equestris* e, em menor grau, *Phal. lueddemanianna*. Híbridos importantes no desenvolvimento dos novos '*phalaenopsis*' semi-albos foram *Phalaenopsis* Sally Lowrey e *Phal.* P. Show Girl.

Agora passamos ao grupo que, por suas características mais diferenciadas de forma, substância, coloração, estação e tipos florais, estão agrupados como '*phalaenopsis*' tipo "novidade". São eles os que produzem flores em tons de amarelo, pêssego, laranja, vermelho, os multiflorais e os miniatura.

Os '*phalaenopsis*' amarelos tem-se desenvolvido rapidamente nos últimos anos, a partir de um tímido começo há apenas algumas décadas, quando eram utilizadas principalmente as espécies *Phalaenopsis amboinensis*, *Phalaenopsis lueddemanianna* e *Phalaenopsis fuscata*. A introdução da espécie *Phalaenopsis venosa* causou uma verdadeira revolução na hibridação de '*phalaenopsis*' amarelos de boa forma e de coloração amarela duradoura. Os melhores cultivares amarelos de *Phalaenopsis venosa* quando usados inteligentemente com outros híbridos complexos albos, tem produzido excelentes '*phalaenopsis*' amarelos de ótima forma, cor uniforme e duradoura. Um exemplo dessa linha de hibridação são os cruzamentos *Phalaenopsis* Jim Krull e *Phalaenopsis* Caitlin. Exemplos de matrizes importantes, além da espécie *Phal. venosa* são *Phalaenopsis* Deventeriana 'Treva' AM/AOS (*Phal. amabilis* x *Phal. amboinensis*), *Phal.* Golden Sands, *Phal.* Golden Buddah e *Phal.* Hausermann's Goldcup 'Everlasting'. A partir dos híbridos amarelos pintalgados de púrpura, dos híbridos rosa-escuro, e, novamente, cultivares seletos da espécie *Phal. violacea* foram desenvolvidos nos últimos anos colorações inéditas de '*phalaenopsis*'. Tons pasteis alaranjados são os exemplos mais exóticos desse grupo, onde podemos citar,

como exemplos: *Phalaenopsis* Zuma Aussie Delight, *Phalaenopsis* Pago Pago e *Phalaenopsis* Golden Gift. O próximo passo em coloração e numa cor que aguardávamos ansiosamente foram os 'phalaenopsis' vermelhos. Novamente partindo-se dos exóticos amarelos fortemente pintalgados de púrpura, combinando-os com *Phalaenopsis violacea*, *Phalaenopsis lueddemanianna* e *Phalaenopsis amboinensis*, tem sido obtidos híbridos com flores de coloração em tons muito fortes de vermelho e púrpura.

Finalmente, o último grande grupo de 'phalaenopsis' que tem produzido plantas muito populares nos últimos anos é o grupo dos multiflorais. Normalmente plantas de tamanho miniatura, apre-

sentando haste floral muito ramificada e característica de produzir hastes florais múltiplas, com flores onde predominam o rosa, o branco ou os pintalgados. As espécies importantes no desenvolvimento dos 'phalaenopsis' multiflorais miniatura são *Phalaenopsis stuartiana*, *Phalaenopsis lindenii*, e, especialmente, *Phalaenopsis equestris*. Dois exemplos modernos desse novo grupo são *Phalaenopsis* Hawaiian Tradition e *Phalaenopsis* Carmela's Pixie.

No próximo artigo, estudaremos o "estado da arte" dos principais grupos e os promissores horizontes do futuro.

(*) Rua Vitório Pencluppi 284,
12242-150 - São José dos Campos, SP.

Sementeira dos Sócios

A orquídea na literatura portuguesa.

Da sua Bahia, o nosso querido amigo e Sócio Vitalício, Pedro Moacyr Maia, o Petrus, grande escritor e membro da Academia Bahiana de Letras, lembra um trecho do importante escritor português Miguel Torga, extraído do livro "A Criação do Mundo" - "O terceiro Dia" (Coimbra Ed., 1948, pags.196/200), que bem retrata a solidão, quase "vício oculto", do colecionador de orquídeas - um retrato de todos nós -, e onde o autor mostra um razoável conhecimento orquidófilo, como se verá (respeitamos estritamente o original, porisso ninguém se arrepie com certas grafias de nomes):

"Chamaram a toda pressa o colega do Pontão. E ele veio daí a horas, corado, baixo, cheio da sua calma.

- Então o que é isso?

Tirou o termómetro dum bolso fundo, meteu-mo debaixo do braço, e durante alguns minutos só o mercúrio vivia, tinha sentido no quarto.

- A estufa? - perguntei-lhe, numa

lembrança que a febre tornava voluptuosa.

- Está uma maravilha! Nesta altura é que vale a pena vê-la.

Horrado e competente, era com ele que eu me entendia nos casos complicados. A princípio não o compreendi. Pareceu-me casmurro e sem interesse. Uma corrente de oiro atravessada no colete dava-lhe um ar burguês e banal. Mas um dia a sua verdadeira face mostrou-se. Por detrás do fonendoscópio largo que usava, como para ouvir o pulmão todo de uma só vez, vivia secretamente um poeta como eu. Foi casualmente que o descobri. Passei-lhe à porta, quis saber dum doente, e perguntei por ele.

- O Sr. Doutor está na estufa.

Alarmado com minha presença, ainda tentou fechar a porta e esconder o segredo.

- Pode-se ver? - perguntei, a querer espreitar.

E teve de confessar:

- São orquídeas...

Cheio de curiosidade, entrei. Centenas de vasos alinhavam-se catalogados em prateleiras, e dezenas de gaiolas pendiam do tecto. Dentro, plantas sem nenhum interesse aparente.

- Todas?

- Todas.

- Feiotas de aspecto...

- Muito.

Mas devagar, com a sua calma, começou a

falar. E daí a pouco aquelas folhas carnudas estavam transfiguradas. Sabia coisas maravilhosas e incríveis da vida de cada uma.

- São epífitas quase todas - começou - Vivem na zona equatorial, à exceção de algumas menos belas e de um modo geral pequenas... Em Portugal temos apenas variedades silvestres, conhecidas com nomes de ervas. A erva aranha, a erva abelha... (*) Mas há no Buçaco uma curiosidade rara, a *Neofia Nidus Avis*, subterrânea, que só se revela quando a flor irrompe do subsolo e vem abrir à luz do sol...

- Como é que o senhor aprendeu tanta coisa?

- Lendo. Compro livros, assino revistas. Tenho uma biblioteca regular sobre o assunto.

- E há muito tempo já?

- Desde que me formei. Que pode fazer um médico numa aldeia? Jogar a bisco, beber ou dormir. Eu dediquei-me a isto.

- E vende as flores?

- Não. Aqui quem as comprava?

- Dá-as?

- Também não. Quem é que as quer?

Tenho exemplares maravilhosos que nascem e morrem sem mais ninguém os ver senão eu. Por acaso posso-lhe mostrar hoje uma criação minha. Um híbrido que baptizei com um nome que o vai fazer sorrir. Chamei-lhe *Dulcinea*. Há oito anos que ando à espera dela. É uma *Brasso-Cattleya*. Abriu ontem.

Cinco asas dum lilás esmorecido, sépalas e pétalas da mesma cor, centravam uma labela franjada, virginal, tingida na raiz dum oiro velho esbatido.

- É linda, não é?

Olhava-a com olhos enternecidos, como um noivo que contemplasse uma noiva.

- Extraordinária!

- Não imagina o trabalho que me deu. Criar um bicho destes é mais difícil do que criar um filho.

- Cálculo.

- Talvez não.

Descreveu-me a seguir, minuciosamente, os trâmites de um ser daqueles desde a sementeira à floração. Anos de uma paciência científica e maternal. A acidez óptima do meio de cultura, a temperatura de vinte e seis graus a que tinha de ser mantido o estufim, a humidade quase à saturação, o arejamento regulado...

- E isso ainda há-de ficar caro...

- Se fica! De inverno tenho uma caldeira acesa constantemente para lhes dar calor... Esta figurona, por exemplo, mandei-a vir da Inglaterra. É uma *Odontioda Schroederæ*. Custou-me quinze libras...

Agora percebia que andasse sempre tão pobremente vestido.

- Uma estufa de orquídeas, ou é uma desilusão ou um deslumbramento. Nesta altura está isto fraco. Venha cá daqui a um mês, que fica maravilhado.

- Ah, venho!

E nunca mais voltara.

- Então tem lá coisas bonitas?! - murmurei, numa modorra de rede tropical.

- Se tenho! Arribe e apareça! Ora deixe ver o termómetro.

Os quarenta graus não lhe quebraram a calma. Continuou o exame, e apenas se notou na sua voz um pouco de emoção com que me mostrara a *Dulcinea*, quando disse no fim:

- É preciso sair daqui imediatamente."

(*) O autor está se referindo a *Dactylorhiza*.

Recebemos do Comitê de Orquideologia, da Sociedad Venezolana de Ciencias Naturales, carta em que nos comunica que, em reunião da Junta Directora daquele Comitê, a 25.01.94, ficou decidido incluir a OrquidaRIO, como Membro Especial do mesmo Comitê.

A OrquidaRIO agradece e se declara muito envidada pela distinção recebida e se põe à disposição do Comitê de Orquideologia, para o que seja entendido necessário, em matéria de apoio e colaboração.

São os laços fraternos da orquidofilia vencendo fronteiras e irmanando a Latino-america, laços que se ampliarão, cada vez mais, e sobretudo, durante a OrchiRIO 94 e a 15ª Conferência Mundial de Orquídeas.

Para os interessados nas excelentes publicações do Comitê, dentre as quais avulta o boletim 'Orquideophilo', informamos o seu endereço:

Sociedad Venezolana de Ciencias
Naturales
Comite de Orquideologia
Apartado 1521
Caracas 1010-4 Venezuela

CARL FRIEDRICH PHILLIPP VON MARTIUS

As festividades comemorativas do bicentenário do seu nascimento

Waldemar Scheliga^(*)

O Jardim Botânico do Rio de Janeiro, no dia 24 de Abril de 1994, abriu as festividades comemorativas do bicentenário do nascimento de von Martius, com uma missa celebrada no "campus", no recanto das mangueiras.

Em seguida ao ato religioso foi plantada uma palmeira carnaúba pelo embaixador da Alemanha Herbert Limmer. No Centro de Visitantes discursaram o Min. Rubens Ricupero, seguido pelo Min. do Meio Ambiente e da Amazonia Legal, Henrique Brandão Cavalcanti, fazendo alusão à importância da obra de von Martius. Outros dois ministros, José Israel Vargas, da Ciência e Tecnologia e Murilo Hingel, da Educação e Desportos, compareceram à solenidade.

Para os filatelistas, a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos lançou uma série de selos alusivos ao evento e os numismatas igualmente serão brindados pelo Clube de Medalhas da Casa da Moeda com o lançamento de medalhas, tudo em homenagem ao bicentenário de nascimento de von Martius.

As comemorações não ficarão restritas aos atos aqui mencionados, prolongando-se pelos demais meses do ano. Ainda no dia 24 de abril foi inaugurada no Museu Botânico uma exposição sobre essa figura ímpar que foi von Martius.

Carl Friedrich Phillipp von Martius nasceu em Erlangen, Baviera (Alemanha) em 17.04.1794 e morreu em Munique em 13.12.1868. Estudou História Natural na Universidade de sua cidade natal. Sob os auspícios dos governos da Baviera e da Áustria, realizou uma viagem ao Brasil que durou 2 anos e 11 meses, de 1817 a 1820. Já em 1815 o imperador Maximiliano da Áustria expressara o desejo de mandar uma expedição científica à América do Sul. Para isso escolheu von Martius e chegou a nomeá-lo, mas, infelizmente, o plano,

retomado mais tarde, malogrou.

Dois anos mais tarde, o Imp. Francisco I, da Áustria e o Príncipe Dom João de Portugal, Brasil e Algarve, acertaram o casamento de seus filhos, D. Leopoldina e D. Pedro. Foi um casamento político, do qual ambas as partes esperavam vantagens. Para a nossa história, a consequência mais importante desse casamento, foi que um jovem de 23 anos, o Dr. Carl Fiedrich Philipp von Martius pisou em terra brasileira com a missão de estudá-la cientificamente. Suas viagens, junto com o zoólogo Dr. Spix, tiveram extenso roteiro, como segue.

Aportou ao Rio de Janeiro em 16.7.1817 e partiu logo para São Paulo para iniciar suas pesquisas científicas. Visitou Jundiaí, entrou na Prov. de Minas Gerais, alcançou o rio Verde e galgou as montanhas de Capivari, em direção à Cachoeira do Rio Grande. Dirigiu-se, em seguida, à Vila Rica, atual Ouro Preto, internou-se no sertão, tomando contato com índios, passou por Contendas, atingindo o São Francisco através do Sul, chegou até o limite da Prov. de Goiás; retrocedendo e descendo o rio São Francisco chegou a Malhada, atravessou a Bahia e alcançou a cidade de Salvador. Dirigiu-se, depois, à Comarca de São Jorge dos Ilhéus, de onde voltou à Bahia; daí foi até Juazeiro atravessando a Prov. de Pernambuco e, transpondo a Serra Dois Irmãos, atingiu Oeiras, na Prov. do Piauí, chegando até São Luiz do Maranhão; visitou, ainda, Belém e as florestas circunvizinhas, Breves, Santarém e, no Amazonas, Barra do Rio Negro, atual Manaus, Santo Antonio de Maripá, São João do Príncipe; etc., terminando sua viagem em Belém, de onde embarcou para a Europa em 13.06.1820.

De volta à Alemanha von Martius uniu-se a Endlicher, Fenzl, Meissner e tantos outros para editarem a "Flora Brasiliensis", publicado



o primeiro fascículo em 1840.

Entre os resultados da longa excursão foi publicado o livro "Viagem ao Brasil". Von Martius publicou, ainda, "Nova Genera et Species Plantarum Brasiliensium", "Icones selectae Plantarum Cryptogamicarum Brasiliensium", em 1840, continuado após a sua morte por August Wilhelm Eichler e, depois da morte deste, por Ignaz Urban.

Alfred Cogniaux completou a sua grande obra, tratando das orquídeas em 3 volumes. Para chegar a esse resultado contou com a colaboração do grande botânico brasileiro João Barboza Rodrigues, que colocou à disposição de Cogniaux os trabalhos de sua obra, inédita, "Iconographie des Orchidées du Brésil", sem os quais não teria sido possível concluir a "Flora Brasiliensis". O material consta no volume III part. IV-VI da citada obra.

Como já foi dito, em 1840 foi publicado o primeiro fascículo da "Flora Brasiliensis". O último saiu em 1906, portanto 38 anos após o falecimento de von Martius e 66 anos depois de ter sido iniciada a obra.

Repetiu-se com von Martius o que já acontecera com von Humboldt, que gastou a metade da sua fortuna particular na viagem às regiões equinociais do Novo Mundo e a outra metade nas publicações. Esgotados seus recursos, von Martius ofereceu a obra ao governo do Brasil, por um valor que cobria tão somente os seus gastos, podendo o Brasil concluí-la.

O Ministro do Império, Marquês de Olinda, respondeu-lhe, no entanto, que "no Brasil faltavam os meios necessários para que se pudesse adquirir uma obra daquela importância que pudesse dar resultados tão valiosos", mas prometeu fazer o possível para conseguir uma subvenção, que só veio a ser concedida em fins de 1868, três meses antes da morte de von Martius, permitindo a conclusão da obra. O grande herbário particular de von Martius foi vendido após sua morte ao governo belga e formou a base do herbário do

Jardim Botânico de Bruxelas, servindo, depois, aos estudos de Cogniaux.

A Orquidário associa-se a essas comemorações rememorando os principais traços biográficos do insigne naturalista porque as expedições de von Martius e Spix foram a pedra fundamental do estudo e da história da orquídea no Brasil, igualando-se em importância científica ao material de Humboldt e Bonpland, graças ao primoroso estudo de suas coleções.

Dentro deste contexto, nada mais oportuno do que reproduzir os comentários de Pabst & Dungs:

"Ninguém expressou com mais acerto sobre a diferença entre os resultados das coletas primitivas e aquelas feitas depois de von

Martius, do que Barboza Rodrigues: "Se Piso e Marggraf deram no seu *Indiae Utriusque Re Naturali et Medica* nomes às nossas plantas, se Vandelli publicou, em 1788, a *Flora Lusitanicae*, se o conde de Hoffmannsegg com ajuda do seu

coletor Sieber a *Flora Portugueza*, se também Frei Vellozo da Conceição escreveu, em 1790, a *Flora da Capitania do Rio de Janeiro* e, em 1825, a *Flora Fluminensis*, se Raddi editou em 1817 a *Synopsis Filicum Brasiliensis*, se também o Príncipe de Neuwied, sob o pseudônimo de "Herr Brunsberg" e os coletores Freyreiss e Sellow fizeram grandes coletas entre 1817 e 1827 - tudo foi um NADA em comparação com a incógnita que ainda era a flora do Brasil".

Essa incógnita apresentou-se aos olhos maravilhados de von Martius. Suas viagens, sua obra e sua laboriosa avaliação representam uma história à parte, dentro da qual têm destaque as nossas orquídeas.

Referências bibliográficas:

Enciclopédia Brasileira Mérito, vol. 12, pags. 713/4.

Orchidaceae Brasilienses, Pabst, G.F.J. & Dungs, F., vol. II, pag. 88.

¹⁷R. Almte. Saddock de Sá 133/401
22471-030 - Rio de Janeiro, RJ.



Pedidos e Informações:

A.B. Gomes Ferreira.

Rua do Paissandú 678/902

53570-220 - Recife, Pe. Tel. (081)459-1016.

Autoestabilizante do pH (5,3).

Duração, mínima, de 4 anos.

Consulte-nos sobre o Revendedor Autorizado
mais perto de você.

Aceitamos novos revendedores.

Escrevam-nos.

Florabela Orquídeas

Reserva orquidófila em mata nativa recuperada.

Mata artificial de Dracenas, além de orquidários convencionais.

Érico de Freitas Machado.

CP 01-0841

29.001-970 - Vitória, ES. Tel. (027) 227-6136.

44 anos de experiência, protegendo mais de 400 espécies do
Espírito Santo.



orquidário

Boa Vista

O mais atual em meristemas, híbridos e espécies importadas de Phalaenopsis, Cattleya e Oncidium Alliances. Solicite nossa lista incluindo meristemas como Cattleya percivaliana 'Summit' FCC/AOS, Cattleya violacea 'Muse' FCC/AOS e Phal. Golden Emperor 'Sweet' FCC/AOS. Agente no Brasil para LIMRICK Orchids, Miami, E.U.A.

Av. Edison Passos, 4490, Alto da Boa Vista, Rio de Janeiro, RJ
20531-072. Tel/Fax : (021)258-0880.

ORQUIDÁRIO



LINEU ROBERT®

HÍBRIDOS - NATURAIS - MERISTEMAS
BRASIL - PERÚ - COLÔMBIA

Cattleya - Cymbidium - Paphiopedilum
Masdevallia - Phragmipedium - Dendrobium
Odontoglossum. 92 gêneros
de plantas nacionais e importadas.

HYBRIDS - SPECIES - MERICLONES
BRAZIL - PERU - COLOMBIA

92 Genera of Brazilian
orchids and other countries

WRITE FOR FREE PRICE LIST
SOLICITE NOSSA LISTA GRATUITA

ORQUIDÁRIO LINEU ROBERT

AVENIDA ÁGUA VERDE 588
CURITIBA, PR - BRASIL - CEP 80620-200
FONE: (041) 243-0566
FAX: (041) 262-6819

ARANDA

Espécies e Híbridos - Species and Hybrids



Phalaenopsis Antarctic

VISITE A NOSSA EXPOSIÇÃO DE INVERNO
de 9 a 31 de Julho

Aranda Orquídeas
Escritório/Office
Rua Senador Dantas, 75/907
RJ. 20031-201
Brasil

Nursery
Estrada do Quebra-Frasco, s/n
Teresópolis
RJ. Brasil

Telephone: (55 21) 220 2617
Fax : (55 21) 220 6200

